



## Flores e joias de Israel

Moacir Amâncio\*

Pode-se dizer que identidade é algo que não existe. Seria apenas um cozido ideológico. No entanto, é uma ficção que se renova. Entre os judeus, a identidade tornou-se um problema muito sério, que pode ser considerado a expressão de um momento transitivo na Europa e também nas comunidades judaicas do Norte da África, inicialmente, com a emancipação judaica e a revolução cultural implantada pela Hascalá na Alemanha do século 18, estendendo-se até o final do século 19. Judeus europeus, que por séculos tinham vivido de maneira isolada, passariam a ser, em teoria, cidadãos como as demais pessoas habitantes deste ou daquele país, seguidoras de outras religiões. A aldeia judaica, *shtetl*, foi desaparecendo, as massas judaicas começaram a se movimentar ao mesmo tempo em que eram discriminadas e massacradas, enquanto uma parte das comunidades rompia com o tradicionalismo e procurava se ajustar aos chamados padrões europeus de educação e comportamento. Cidadãos na rua, judeus em casa.

Como se sabe, a Hascalá, o Iluminismo judaico, não encontrou resposta positiva para suas aspirações. A grande contribuição de intelectuais, artistas e empresários judeus em diversos países do continente europeu era vista como uma espécie de intrusão e o resultado também é conhecido. Discriminação sistemática e massacres foram enterrando o sonho da emancipação judaica. O Caso Dreyfuss, na França, ficou como emblema da época durante a qual também se viu surgir o movimento sionista que levaria ao projeto Israel durante a primeira metade do século 20, quando o nazismo pretendeu resolver a chamada questão judaica à sua maneira, o extermínio total.

Para Israel, não foram somente judeus europeus ameaçados de extinção, mas judeus de todas as partes. Sob a direção do Sionismo, ideólogos judeus imaginaram um modelo do que seria o israelense, para eles alguém desligado do passado – inclusive linguístico, que é o que mais nos interessa aqui. O antigo idioma, seja o iídiche, de base alemã, o ladino, de base espanhola (línguas faladas por judeus asquenazitas e sefarditas, respectivamente, ambas escritas em caracteres hebraicos), o árabe, o farsi ou o italiano, seriam substituídos pelo hebraico. Se pelo menos dois idiomas morriam, outro renascia na sua fala. Era o hebraico – a rigor nunca foi uma língua morta, pois sempre serviu para a escrita



de poemas e estudos rabínicos, sendo praticada nas orações e na conversação eventual – que se tornava um idioma contemporâneo como os demais.

Por trás da uniformização idiomática, estava a busca do homogêneo nacional, com o que isso implica de arbitrário para o que mais tarde, já rumo ao final do século 20 e início do 21, surgiria uma resposta. Ela veio sobretudo das comunidades sefarditas – de origem hispano-portuguesa, falantes de um idioma peninsular carregado de expressões hebraicas, turcas e árabes, por exemplo, confundidos com os “orientais” (procedentes do Iraque, Síria, Iêmen, Irã, Curdistão), pois a maioria deles vivia no Império Otomano. O sonhado Israel homogêneo revelou-se o que era, um rico mosaico de culturas e idiomas.

Michal Held<sup>1</sup> é uma peça desse mosaico. Ela descende, na linhagem paterna, de judeus romenos, na materna, da família De La Roza, cujos membros se dirigiram a Jerusalém quando foram expulsos da Espanha em 1492. No poema seguinte, aqui traduzido, ela mescla o hebraico e o ladino de uma velha cantiga transmitida de geração em geração – há uma óbvia referência ao nome da família.<sup>2</sup> Trata-se de um texto dedicado à memória das línguas. De um lado, o hebraico bíblico, o divino rebaixado ao existencial contemporâneo – preferi a tradução de Ferreira de Almeida para a fala divina de Êxodo 3:14, por presentificar o verbo e o existente, mas usei também o futuro, como decorrência do existir e por causa da aliteração com a última palavra da segunda linha.<sup>3</sup> De outro lado, o ladino, ou *espanholit*. Convivência histórica e possível e aqui indissolúvel. Held optou por transcrever a cantiga ladina em caracteres Rashi, o cursivo sefardita adotado pelos rabinos, que na forma própria indica a diferença no igual inseparável – em português uma saída seria mudar o tipo ou usar o itálico:

### *Rosa dos ventos*

Sou o que serei  
rosa pois rosas foram  
minhas mãos  
o que eu for  
serei  
a pomba da canção

*En la mar ay una torre* No mar há uma torre  
*en la torre ay una ventana* na torre há uma janela  
*en la ventana ay una* na janela há uma  
*palomba pomba*  
*ke a los marineros yama* que os marinheiros chama



Essa canção cantaram por séculos minha mãe e minha  
avó e a mãe dela e os marinheiros  
não ouvem as  
pétalas das corolas delas adejando sobre o mar que se  
torna todo  
*agua rosada*

águas de rosas

Apesar da sua expressão poética, marcada pela fusão de dois idiomas, e da sua atuação como pesquisadora e de ensinar cultura e literatura sefardita na Universidade Hebraica de Jerusalém (mais literatura hebraica), ela se nega a aceitar um rótulo que a definiria como sefardita ou “oriental profissional” – expressão israelense. Porque, como ela declara e como sua poesia confirma, Held não se vê amarrada numa definição estranha, que a devolveria a um gueto redivivo e muito fora de lugar. Ao contrário de autores israelenses da primeira metade do século 20 que se queriam israelenses ponto, ela pertence a gerações que procuram resgatar suas origens numa clave de universalidade, sem que com isso renunciem ao que carregam do “israelismo”, com todas as consequências que isso implica. O livro que publicou a partir da tese de doutorado, *Ven ti kontaré* (Vem, te contarei), lançado pelo Machon Ben-Tsvi, investiga o universo das narrativas orais das *kontaderas de kuentos tradicionales* em ladino. Ela tem publicado ensaios sobre o idioma, a identidade, a cultura e a literatura ladinos também escrita. E, finalmente, dá configuração a esse universo multifacetado em sua poesia.

Tanto que, quando lhe pediram um poema para ser publicado num *site* dedicado à temática sefardita e oriental, ela se sentiu bastante desconfortável. O *site* pretendia ser “a casa virtual dos orientais conscientes e críticos, que queriam elevar suas vozes reprimidas” pela cultura asquenazita dominante. “Não poucos poetas aceitaram e se fazem ouvir nesse site”, diz, “com suas palavras conferindo legitimação à luta oriental social e cultural em Israel, mais de uma vez em suas relações políticas óbvias. Eu recusei o convite sob a argumentação de que ‘eu não escrevo para o gueto’. Do meu ponto de vista, publicar um poema num *site* como esse significa adotar uma identidade categórica, quando minha identidade não se presta a uma redução como essa. Respondi portanto ao editor da seção de poesia do *site* que tudo o que eu poderia escrever era um manifesto contra isso.”



Em depoimento enviado por *e-mail*, Michal (De La Roza) Held conta a origem do próximo texto dentro do ambiente de Israel aparentemente polarizado:

No final da conversa com o editor foi escrito o poema “Como joia”, num golpe de mão, e publicado pouco depois no site.<sup>4</sup> Minha sensação era de que eu havia escrito uma declaração sobre a multidentidade. Uma vez que num Israel tão matizado no aspecto dos relacionamentos que toda pessoa que vive aqui está submetida a eles, não é dado reduzir nenhuma identidade pessoal, e certamente, a minha também não, a um só aspecto dela. Eu acredito que se a visada oriental é capaz de alterar a posição de inferioridade a que foi forçada por parte da sociedade, ela poderá fazer isso convidando o lado ocidental a avançar na direção da qual tem medo, do pensamento oriental multifacetado, isto é, sua música, por exemplo, construída sobre escala oriental matizada e não sobre notas ocidentais restritivas, e há ainda muitos exemplos do encontro de oriente e ocidente, do norte e do sul no modelo mediterrâneo que sabe incluir tudo e sabe que chegou o tempo de nos voltarmos para o local onde vivemos. Desse ponto de partida, surgiu o meu manifesto, e na minha inocência, supus que ele desapareceria lá longe sem merecer nenhuma reação. Para minha surpresa, no momento em que o publicaram, fez jus a considerações que não cessaram desde então. Ainda mais, o texto me surpreendeu também porque as pessoas se relacionaram a ele como se fosse um poema, e parte delas expressou identificação com a mensagem à multiplicidade identitária e afirmaram que ele também as representa.

Segue-se o texto que, na visão da poetisa – mesmo quando nesse momento talvez não pretendesse ser poetisa –, atesta, de maneira metonímica, a complexidade do panorama e do indivíduo israelense, além das cortinas ideológicas de sempre. Nessa tradução, foram introduzidos termos esclarecedores para evidenciar a variedade original, mais notas que esclarecem detalhes quem sabe ininteligíveis ao leitor não familiarizado com tais assuntos:



como joia

eu sou faca-marrocos  
vinde a mim e eu vos besuntarei em manteiga e mel- - -  
e do lado de meu pai eu sou no geral uma guerreira que  
deus  
nos livre e guarde em alemão  
e do lado da música eu sou toda grega talvez não  
judia  
e do lado de minha mãe eu venho da rosa de la roza  
mas o ídiche oculto rola na minha língua  
como manteiga e mel  
não menos do que o spanyolit  
e na po - lôn - ia plantei as cordas de minha alma e sonhei  
para saltar caminho num milagre eu sou  
etíope-asquenazi-espanhola-iemenita-romena  
oriental-ocidental ocidental-oriental  
de jerusalém-de tel aviv de tel aviv-de jerusalém  
nortista-do-sul sulista-do-norte  
religiosa-laica laica-religiosa  
zenbudista-sufi-ramba' mística-baalshemtovista  
direitista-esquerdista esquerdista-direitista  
israelense diaspórica

eu sou uma e são sem fim os meus reflexos- - -

como joia  
ser engastada nela

## Glossário

Faca-marrocos: expressão pejorativa aplicada a judeus marroquinos nos anos 1950, aqui recuperada num sentido positivo.

Que deus nos livre: em aramaico, no original, *Rahamana litslan* (que o Misericordioso nos salve).

Espanholit: *spanyolit* – *espanholit*, sinônimo de Ladino, língua sefardita.

Po – lôn – ia: no original Po-lán-ia, que em hebraico lê-se “aqui dormiu, ou esteve, Deus”, referência ao Baal Shem Tov, lembrado no final do texto, ver em seguida neste glossário.



Saltar caminho: no original *qefitsat haderech*, expressão envolta em aura mística, tomar atalho de maneira milagrosa.

Ramba'mística: de Rambam, acrônimo de Rabi Moshê ben Maimon – Maimônides – filósofo judeu medieval conhecido pelo seu férreo racionalismo, numa posição contrária à mística.

Baalshemtoviana: de Baal Shem Tov (acrônimo Besht), o Senhor do Nome, como ficou conhecido o rabino Israel (Ysroel) ben Eliézer (século 18), Polônia, rabino místico e carismático fundador do movimento místico-piedoso conhecido como Hassidismo.

-----

\* **Moacir Amâncio** é professor de literatura hebraica da Universidade de São Paulo, autor de, entre outros livros: *Ata* (reunião de volumes de poemas reunidos), *Dois palhaços e uma alcachofra* (sobre obra de Yoram Kaniuk) e *Yona e o Andrógino* – notas sobre poesia e cabala. Traduziu *Badenheim 1939*, novela de Aharon Appelfeld, e *Gol de esquerda*, poemas de Ronny Someck.

---

## Notas

<sup>1</sup> Michal Held, 2013:



<sup>2</sup> HELD, Michal. *Merahefet al pnei hamaim* [Sopra sobre a face das águas]. Jerusalém: Reshimu, 2009. p. 9.

<sup>3</sup> A questão é extremamente complexa. Ver: REHFELD, Walter I. *Tempo e religião*. São Paulo: Perspectiva, 1988. p. 92.

<sup>4</sup> HELD, 2009, p. 60.